

EFEITOS

Das cinzas nasceu um novo dicionário

Após o 11 de Setembro certas expressões e figuras vulgarizaram-se. Algumas, tão sinistras, melhor seria que não as conhecêssemos

Paulo Martins

A
Al-Qaeda
“A Base”, organização terrorista dirigida por Bin Laden. Assumiu a autoria dos atentados de 11 de Setembro e reivindicaria muitos outros. De inspiração fundamentalista islâmica e marcada por um profundo antiamericanismo, é constituída por diversos grupos e células, que muitas vezes actuam de forma autónoma.

B
Bin Laden



Líder da al-Qaeda, cujo paradeiro se desconhece, desferiu aos EUA o mais profundo golpe de que há memória. Originário da Arábia Saudita, fora declarado “inimigo público número um” ainda durante a presidência de Bill Clinton. Contudo, nem sempre o homem que reivindicou os ataques terroristas de 1998 às embaixadas norte-americanas no Quênia e na Tanzânia foi odiado por Washington. Com efeito, terá sido treinado pela CIA para combater os soviéticos, quando a URSS invadiu o Afeganistão.

Bush (George W.)
Presidente dos EUA, que foi obrigado a desviar as suas prioridades para a política externa na sequência dos atentados, enfrentou críticas internacionais à for-

ma como lidou com a nova realidade. Uma das suas primeiras declarações – capturar terroristas “death or alive” – deu o mote a uma estratégia que fez valer o peso de única superpotência. A instabilidade da situação no Iraque, onde continuam a morrer soldados norte-americanos, tornou-se no seu grande “calcanhar de Aquiles”.

C
Civilizações (choque de)
Tese de Samuel Huntington, avançada em 1996, que parecia assentar como luva no ataque às “torres gémeas”. Prognosticava o reputado professor de Harvard que islamitas radicais atacariam uma grande cidade ocidental com armas nucleares e que a retaliação desencadearia a III Guerra Mundial. O suposto conflito entre o Ocidente liberal e o Islão mergulhado no fundamentalismo religioso e em ressentimentos coloniais fez correr rios de tinta. Huntington está, porém, longe de reunir consenso, mesmo na comunidade académica. Ainda esta semana o filósofo francês Bernard-Henry Levy o apodou de “criptofascista”.

“Choque e pavor”
Nome da operação lançada sobre o Iraque em 2003, sem prévia autorização do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Previam os estrategos político-militares norte-americanos e britânicos que seria rápida. A acção militar revelou-se, afinal, bem mais complexa.

D
Directo
Até a cobertura televisiva dos atentados os terroristas planearam. Depois do primeiro embate, sabiam que o choque do segundo avião na torre acabaria por ser captado em directo. O especialista em questões de comunicação Ignacio Ramonet chamou ao acontecimento “golpe de Estado televisivo”. O sistema (mediático) virou-se contra o próprio sistema,

obrigando a ponderar novas formas de abordagem jornalística.

E
“Eixo do mal”
Grupo de países que, segundo os EUA, estariam a produzir armas químicas ou biológicas. No discurso da União proferido em Janeiro de 2002, George Bush identificou o Irão, o Iraque e a Coreia do Norte. Posteriormente, o subsecretário de Estado John Bolton integrou Cuba, Líbia e Síria no “eixo do mal”. A expressão foi criada por David Frum, o homem que redigiu o discurso do presidente norte-americano.

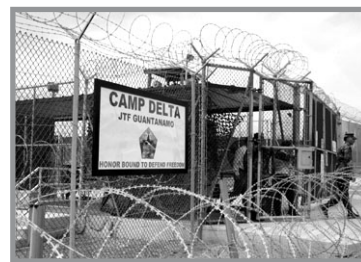
F
Fundamentalismo



Após o 11 de Setembro, o islâmico passou a merecer maior atenção. A palavra designa teses segundo as quais os estados árabes, corrompidos pelo Ocidente, perderam a pureza dos valores tradicionais. O secularismo é abertamente recusado pelos fundamentalistas islâmicos, defensores de estados teocráticos, onde a acção política se subordina à religião.

G
“Ground Zero”
Zona atingida pelo impacto dos aviões nas torres do World Trade Center. Passou a integrar o roteiro turístico de Nova Iorque. É objecto de ambiciosos projectos urbanísticos, que incluem a “Torre da Liberdade”, já em construção. Da autoria do arquitecto Daniel Libeskind, será a mais alta do Mundo e, soube-se esta semana, terá por companhia mais três, erguidas em torno do memorial às três mil vítimas dos atentados.

Guantánamo



Base naval dos EUA em Cuba, tornou-se centro de detenção, começando em 2002 a receber “combatentes ilegais”. Um eufemismo destinado a impedir que fosse atribuído aos suspeitos de actividade terrorista – chegaram a ser cerca de 600, a aguardar julgamento, sem acusação formal – o estatuto de prisioneiros de guerra, regulado pela Convenção de Genebra. Por lá passaram, entre outros, Khalid Sheikh Mohammed, alegado cérebro do 11 de Setembro. Acusações de tortura, agressões e suicídios, por parte de organizações de direitos humanos, levaram o Supremo Tribunal dos EUA, recentemente, a retirar a George Bush autorização para ordenar julgamentos. Passam assim a ficar sob a alçada militar os detidos sobre os quais foi oficialmente admitida a aplicação de “táticas de interrogatório não convencionais”, depois usadas na prisão iraquiana de Abu Ghraib. Bush acaba de anunciar que Guantánamo está também a acolher detidos de prisões secretas da CIA espalhadas pelo mundo.

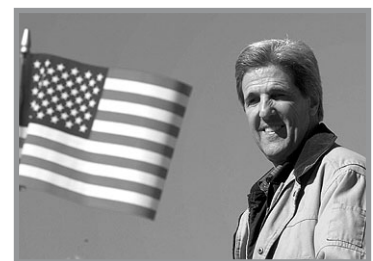
H
“Homens-bomba”
Já era tática de terroristas usar suicidas (mártires, na sua óptica), quase sempre jovens, para perpetrar atentados. Vulgarizou-se, disseminando o medo entre a população civil.

I
Iraque
A velha Mesopotâmia, que protagonizara nos anos 90 um conflito com os EUA, voltou a ver soldados norte-americanos entrar no seu território. O regime de

Saddam Hussein caiu, mas a presença de tropas estrangeiras permanece como argumento para constantes atentados. Os EUA já deram conta da intenção de sair do país. Porém, apesar da transferência de poderes para os iraquianos, a situação continua demasiado efervescente.

J
“Jihad”
Etimologicamente, significa, em língua árabe, “exercer esforço máximo”, mas é outro o sentido que se vulgarizou: o de “guerra santa”, que diversos grupos guerrilheiros islâmicos desenvolvem, alegadamente inspirados no Corão. Erigida em objectivo político, a concretizar por meios violentos, a “Jihad” ganhou novo fôlego.

K
Kerry (John)



Senador democrata do Massachusetts, enfrentou em Novembro de 2004 George W. Bush, candidato a segundo mandato depois de ter conquistado o primeiro com menos votos do que o adversário. Não fosse o clima de medo criado pelo 11 de Setembro e teria porventura vencido – meta do mundo desejava que isso acontecesse. O eleitor norte-americano acabou por dar de novo carta-branca a Bush. Desta vez esmagadoramente

L
Liberdade
Perdemo-la todos um pouco. E cada vez mais aceitamos sacrificar essa pedra basilar dos regimes democráticos, em troca de segurança. Só a expectativa de generalização de um conflito bélico à es-